

## DARWIN E A EVOLUÇÃO HUMANA

Aldo Mellender de Araújo

Departamento de Genética, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; aldomel@portoweb.com.br.

Não há qualquer menção à evolução humana na obra *A Origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin, exceto uma pequena frase no último capítulo, “Recapitulação e Conclusões”, onde ele diz: *Dada a existência da mesma disposição óssea na mão do homem, na asa do morcego, na barbatana do boto e na pata do cavalo, assim como o mesmo número de vértebras compoem o pescoço da girafa e do elefante, além de inúmeros outros fatos desse tipo, a única explicação plausível e imediata reside na teoria da descendência com modificações lentas, ligeiras e sucessivas* (p.345 da trad. Brasileira, Villa Rica Ed.). Como se vê, ele incluiu a evolução humana como parte da evolução de outros mamíferos e a coloca dentro da moldura da descendência com modificações. Muito provavelmente esta foi uma estratégia para minimizar o impacto que sua obra teria, junto a seus contemporâneos. Igualmente não há referência às origens humanas, tanto no esboço de 1842 como no de 1844. Mas que a questão já o ocupava, podemos ver através de uma pequena anotação feita no *Notebook M*, nos itens 57 e 128; este caderno de anotações é de 1838! Uma década depois da tempestade ocasionada pela publicação da primeira edição da *Origem das Espécies*, Darwin publica um outro livro extremamente importante, agora com o título explícito de *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex* (*A Origem do Homem e a Seleção Sexual*), em 1871. Dois temas polêmicos são tratados aqui, a origem e a evolução da espécie humana e, na segunda parte, a elaboração do conceito de seleção sexual, juntamente com uma enorme quantidade de dados empíricos em todos os grupos animais; ao final do livro, o conceito é aplicado à nossa espécie. O livro abre o primeiro capítulo com considerações metodológicas sobre como estudar as nossas origens; trata-se de uma bela argumentação, que surpreendentemente muitos antropólogos parecem ter esquecido nos anos que seguiram, já no século XX. Fica evidente, pelo argumento de Darwin, que aqueles que desejassem decidir se os humanos descendiam de uma forma pré-existente, teriam que investigar, em primeiro lugar, as pequenas variações na estrutura corporal e habilidades mentais dos humanos e averiguar o quanto essas variações seriam herdáveis. A receita continua, propondo a investigação sobre as taxas de crescimento das populações humanas, na procura de evidências de uma “luta pela existência” e de uma preservação das variações vantajosas e eliminação das prejudiciais. Em outras palavras, ele estava propondo a aplicação do conceito de seleção natural. Seguindo pelo caminho do estudo comparativo sobre o desenvolvimento embrionário das formas “inferiores”, ele dedicará três capítulos às capacidades mentais dos animais (ele sempre utiliza a expressão “lower forms”) e dos humanos. Então, no capítulo seis, ele discutirá as relações filogenéticas dos humanos com outros primatas, bem como o local onde teria se originado a nossa espécie. É neste capítulo que ele indica, de forma brilhante pelo seu argumento, que nossas raízes estariam no continente africano. Darwin, do mesmo modo que fez em *A Origem das Espécies*, utiliza uma narrativa envolvente, nada deixando sem uma explicação.